

YQ
9261
V552
M3

UC-NRLF

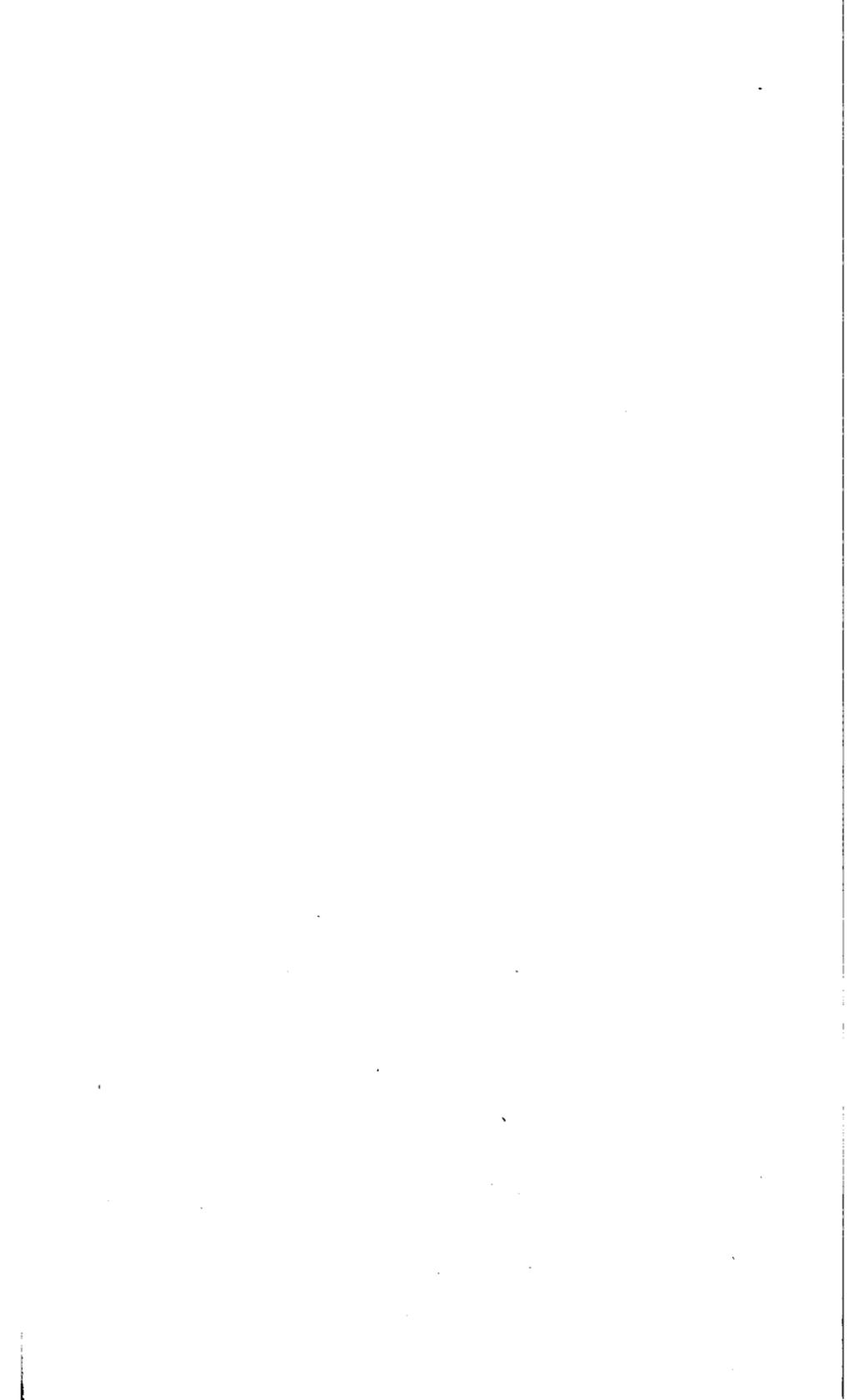


\$B 159 172

Y0152104

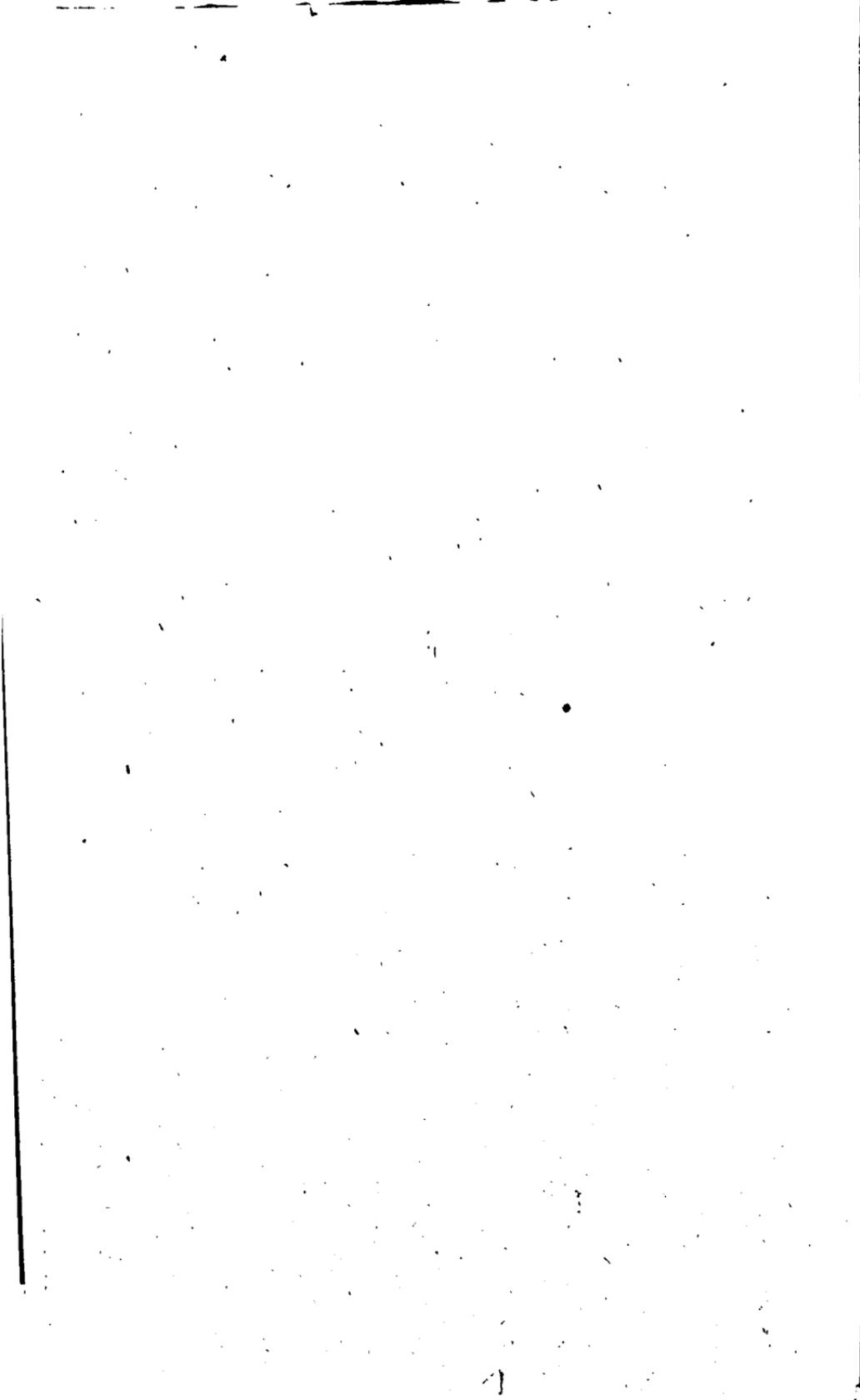






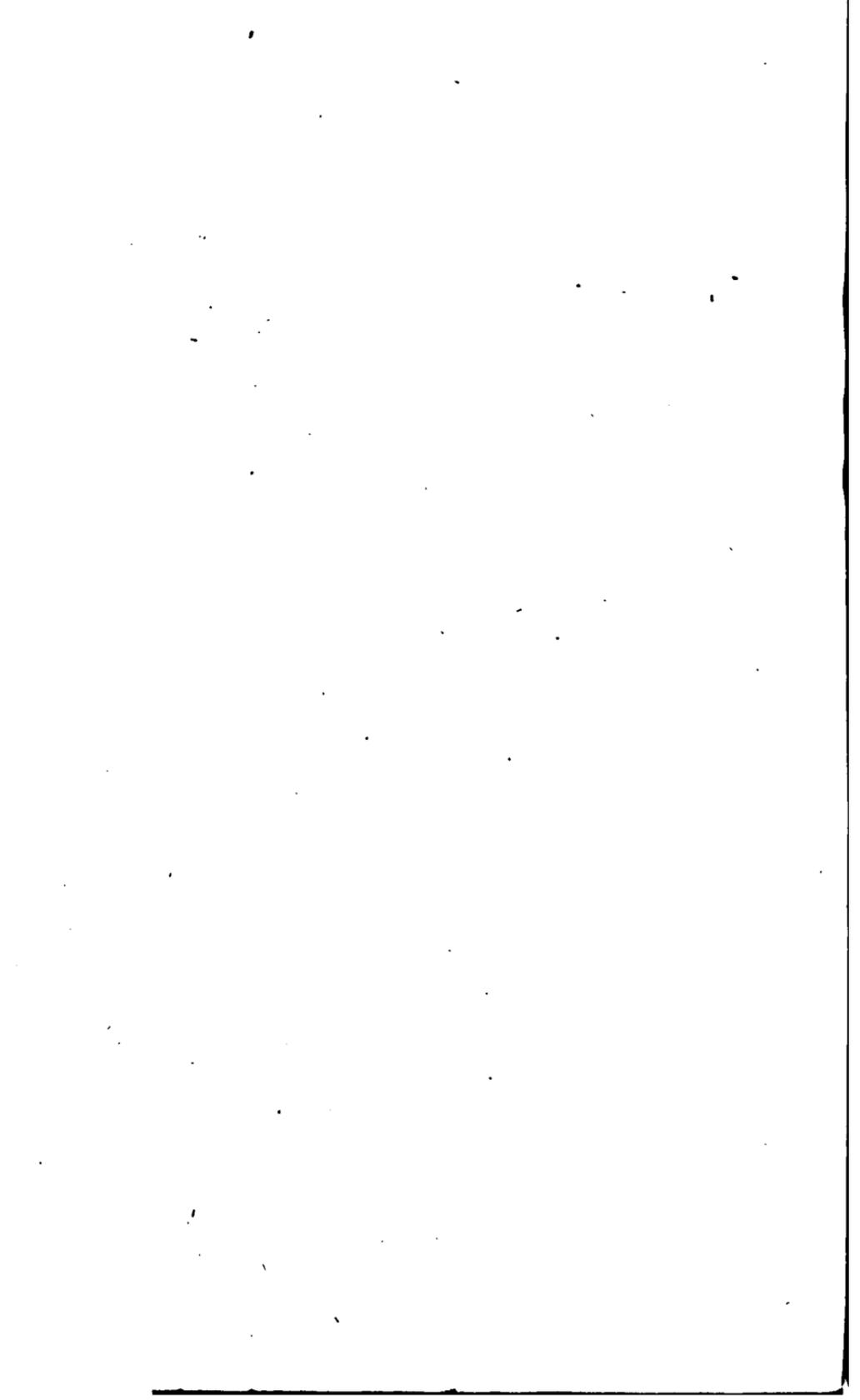
6

Mary, de P...
W... ..



O MARQUEZ DE POMBAL

Á LUZ DA PHILOSOPHIA



ANGELINA VIDAL

O MARQUEZ DE POMBAL

À LUZ DA PHILOSOPHIA



LISBOA
IMPRESA DA VIUVA SOUSA NEVES
63, Rua da Atalaia, 67
1882

GIFT

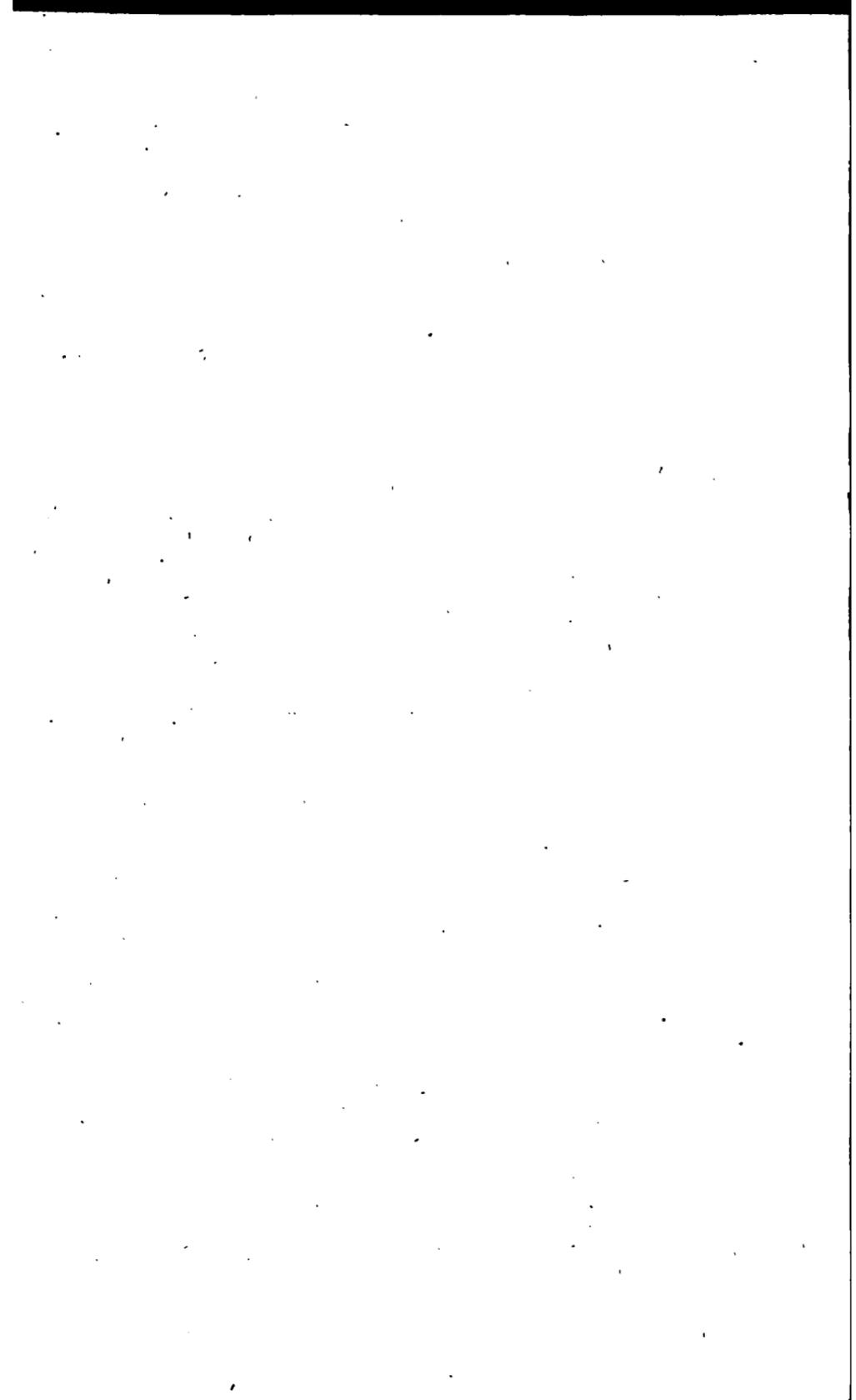
PQ9261

V552M3

A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

575



ESCRITOR ILLUSTRE

Estamos em pleno jubileo.

Cada época traz o seu cunho caracteristico de exagero, e tristes dos que se affoutam a soltar qualquer nota discordante no concerto da lisonja publica.

No meio d'este anemico paiz vibra ainda uma corda vocal, a ultima — é a maledicencia. Este facto pathologico é porém de modo tal inoffensivo; que minuciosamente estudada a sua etiologia, conclue-se que por unica therapeutica deve applicar-se-lhe o desprezo.

Insultar é uma necessidade tão inherente ao organismo patrio, que se o indigena não houvera a quem fazer-o, insultar-se-hia a si mesmo.

Não se combatem principios; oppõem-se abusos a abusos; á communhão da Liberdade não se admittem cerebros livres; tem de annullar-se a consciencia, em honra do opportunismo.

Para ser-se *immortal* pedem-se as credenciaes aos monarchas da opinião, e inscreve-se o pretendente nos

clubs do elogio mutuo; não é economico, porque importa a dignidade dos candidatos; mas custa menos do que fazer-se eleger deputado de qualquer partido.

Eu porém affasto-me dos microscopicos fetiches, para venerar tão só os privilegiados do talento, e tenho bastante valor para arrostar com os desdens do enfatuamento ignaro. Democrata convicta, e evangelisadora do livre exame—em ethica, sciencia, e politica, manifesto amplamente as opiniões do meu espirito, com a altiva independencia de quem se habituou a superar os diques verminosos da sórdida mesquinhez.

Por isso estendo fraternamente a mão ao glorioso mestre da patria lingua, e saúdando o fecundo-eugenho do athleta da litteratura portugueza, offereço-lhe despre-tenciosamente estes humildes versos.

Lisboa 30 de abril de 1882.

Angelina Vidal.

Um côro de ovações se eleva norte a sul;
 No seio do paiz, palpita a festa ingente,
 Mil eccos de alegria ondulam pelo azul,
 E a vaga popular circula vivamente.

Que enorme vibração aos tristes galvanisa?
 Que facto deslumbrante a Patria considera?
 Um rasgo de valor que um mundo synthetisa?
 Um estro que irradia a Gloria pela esphera?

Um Genio que assombrasse o coração do mundo?
 Talvez Dante ou Camões, talvez um Diderot,
 Ou Bacon, ou Voltaire o destructor profundo,
 Feurbach ou Galileo, Danton, Goethe, Rousseau?

Oh não! A Patria canta o athleta da Realesa,
 O Hercules pujante, o pulso sem rival
 Que punha até por terra as leis da Naturesa,
 Mas que tambem erguia a fama Nacional.

Thuribuliseem pois o nome do gigante,
 Incensem sem descanço o esteio da corôa,
 O facho da instrucção, o genio penetrante,
 Que de um montão de cinza ergueu nova Lisboa!

Cantae, Democracia; o espirito do bravo,
Que o nivel fez rolar por sobre a Sociedade,
Prostrando o jesuitismo, ou libertando o escravo,
Quebrando á inquisição as garras da maldade.

Lisonja, ergue a Pombal um hymno de louvores!
Realça o que é brilhante, esconde o que é medonho!
Cerra a porta á Historia, ó novos pensadores!
O mal não existiu; é falsidade, é sonho!

II

Nove horas; a cidade acorda sob um ceu
De christalino azul, de transparente veu;
Movimenta se a pouco a gente nas viellas,
Adornam-se com arte as donas e donzellas,
E os sinos vão chamando os fervidos catholicos
Aos festejos do templo, e aos canticos symbolicos.

Entoa o padre a missa, e os crentes, com respeito
Se curvam brandamente; habita em cada peito
A prece fervorosa, os orgãos gemem notas
Que fazem palpitar as candidas devotas.
Ha como que um sereno e doce mysticismo
Que leva os corações, em nuvens de idealismo,
Aos páramos do ignoto, aos vagos paradísicos,
Onde a crença cultiva os lirios metaphisicos.

Nas praças, os peões, laboram tristemente,
E n'uma gelosia um vulto sorridente
Espreita cuidadoso ao longo dos caminhos.
Passa ás vezes um nobre envolto em bons arminhos,
E alinham-se na rua, á porta dos conventos,
Os novos com preguiça, e os velhos sem proventos.

De repente porém, um intimo ruido
Se escuta assustador na entranha da cidade!
Depressa lhe succede horrivel alarido,
E um turbido baquear, em toda a extensidade.

Oscilla cada predio, e cahem pelo sólo
 Desfeitos como em pó os rijos edificios;
 E a misera Lisboa, afflicta, pólo a pólo
 Vomita o seu terror, por igneos orificios.

Fogem as mães tremendo, os filhos junto ao seio,
 E correm a acolher-se aos templos do Senhor;
 Mas eis que ao grande affan do seu materno anceio
 Abi se expõe um quadro escuro e aterrador.

Abobadas cabindo em cima dos altares,
 E o padre surpreendido em meio dos cantares,
 Sem voz, sem movimento, a par de uma madona
 Que ha muito se ostentava em seu painel de lona.
 Creanças a chorar, columnas em pedaços,
 Soluços do estertor, e aqui e além uns braços
 Sob as pedras surgindo e estrebuchando a custo!...

Nas ruas e jardins não é menor o susto.
 Rodou rapidamente o nivel da desgraça!
 Só resta enorme entulho onde era alegre praça,
 E os tectos ao cahir nos crepitantes lumes,
 Erguem linguas de fogo, em cálidos queixumes.

Estala o velho tronco ao cedro gigantesco,
 E paira em tudo o horror mortifero e dantesco.
 E para cumular o quadro de afflicções,
 O Tejo, saccudindo os pardos turbilhões,
 Devora febrilmente as ruinas rescaldantes,
 E lambe o morto, e o vivo, em saltos delirantes,
 E abrindo o coração, sedento de vingança.
 Abyssma o forte, o fraco, o velho, a mãe, a creança!

E como se o terror gerasse a crueldade,
 Para opprobrio veraz da crúa humanidade,
 No cahos tumultento anda essa immunda plebe
 Que rouba, que assassina, e apenas se apercebe,
 Sob as nuvens de fumo e pulsações do fogo.

E o rei e o seu ministro?

Accaso n'esse jogo

Da horrifica tormenta, o ceu de azul purissimo
 Ousaria esquecer um rei que é *fidelissimo*?
 Quem sabe se terão cahido no vaivem?

Salvou-o Jehovah — el-rei estava em Belem?

Depressa chega ali a nova deploravel;
 Aterra-se a nobresa; o facto lamentavel
 Envolve em lucto e pranto innumerables varões.
 Entreeolham-se a tremor, e logo as orações
 Se elevam para o ceu como espiraes de dôr.
 El-rei branco de susto, os filhos com pavor
 Percorrem os salões, idiotas e perplexos.

Mas fulgem n'um olhar uns vividos reflexos,
 E um vulto erecto e firme encara D. José;
 «Marquez, murmura el-rei, castigo de Deus é
 «O horrivel cataclysmo! E agora, que afflicção!
 «Que havemos de fazer em tal destruição?
 «Arde toda a cidade, e estão vasios os portos»
 — Salvemos quem viver, demos á terra os mortos.—
 Responde friamente o imigo da utopia.

E longe de invocar a Deus ou a Maria,
 Expede ordens de cunho e toma arduas medidas,
 Alenta sêm delonga as perigadas vidas,
 Corta os braços á chamma, e tolhe o passo á fome;
 Liberta o infeliz da angustia que o consome,
 E ahí onde o devasso um roubo perpetrava,
 Ahí a forca bruta á morte o condemnava.

.....
 Annos depois surgia a nova capital
 N'um throno que assentava em bases de christal.

III

Que borburinho é esse? O Porto anda revoltó?
 Que foi que se passou?
 Como é que invade a praça o povo irado e solto,
 Se tanto laborou
 El-rei, por tel-o em bens e liberdade envolto?

Se ha tanto beneficio, exforços tão visiveis
 Em prol da causa publica,
 Como podem brotar reprovações sensiveis,
 Como é que a ideia nublica
 Não acha na Rasão um dique d'impossiveis?

«O povo é desgraçado,» affirma a humana Historia,
 «Mataram-lhe o Direito,
 «E forçam-n'o a seguir a negra sorte ingloria,
 «Calado, contrafeito,
 «Pagando sem gosar, tecendo a alheia gloria!»

Um dia, de repente, ergueu-se a reclamar;
 A ignara populaça.
 O monopolio rouba-a, era mister lutar!
 E logo, a plebea raça
 Reclama valorosa, em vez de supplicar.

Mas o ministro excelso havia já disposto
 Das cousas do alto-Douro;
 Vivesse embora a Patria em noute de desgosto.
 Os cofres tinham ouro...
 Que importa se a Rasão traz lagrimas no rosto?

Por isso se indignou o esteio da Realesa,
 E os raios da vingança
 Fabrica muito á pressa, e envia com prestesa
 Á popular esp'rança
 Fundada na intuição das leis da Natureza.

E após, hórrido insulto á crença humanitaria!
 Por um delicto falso
 Estende-se no Porto a rede sanguinaria,
 E o torpe cadafalso
 Arranca friamente a vida ao triste paria!

Creanças sem vigor, rojadas sobre a rua,
 Forçaram-se a seguir
 O sacrificio immano, onde o valor recua,
 E a ver a mãe subir
 A via da amargura, e escarnecida e nua!

E um homem venerando, um martyr impolluto
 Que a Consciencia chora,
 O bom Juiz do Povo, um bravo resoluto,
 Sereno como a aurora,
 Lá foi tambem lançado á morte, ao chão do lucto!

O que ha que justifique o horror de taes supplicios?
 Que espirito medonho,
 Não treme ao ver a morte, açoutes, e os exicios?
 Não julga quasi um sonho
 Que um homem só, profunde infindos precipicios?

Quem ha que não palpite em plena indignação
 Olhando um nobre velho
 Manchado pela affronta, exposto á impia acção,
 Pondo um lastro vermelho,
 Na terra onde semeia a intima afflicção.

Quem ha que não suspire, ao ver a mulher casta,
 Violada em seu pudor,
 Pendida n'uma forca, e desnudada, e gasta
 Nas ancias do terror,
 Maldita pelo algóz, que á sepultura a arrasta?

Se o Homem fôra um monstro, um tigre em sangue absôrto,
 Comquanto fôra filho,
 Havia de exprobar ao potentado morto
 O mortuario trilho
 Que abriu com turvo affan no coração de Porto!

Se a Mãe fosse mais fera ainda que a leão,
 Comquanto fosse Mãe,
 Havia de olvidar o astro de Lisboa,
 Para escutar além,
 O brado perennal que pólo a pólo sôa!

Ahi tens, ó Povo Luso, o heroe que agora incensas;
 Proclama-o democrata!
 Mas pesa-lhe a injustiça, os odios, e as sentenças
 E dize se arrebatã
 Um nome que traduz as mais crueis offensas!

E o titan que esmagava assim, rude e febril,
 Os braços da nação, os braços productores,
 Os ferros destruia ao escravo no Brasil,
 E baixava ao commercio os olhos protectores!

Infando laborar! Contradição tamanha,
 Que põe n'um ser vidente um tumultuoso abysmo,
 E nos traz á memoria a flôrida montanha
 Que engendra no seu flanco o igneo paroxismo!

Homem! Dizes-te o ser Supremo do Universo
 Quando és synthese só das leis da criação!
 És tu quem dás a luz, e estás na sombra immerso,
 Proclamas o Progresso, e dás a Destruição!

Exhaures toda a força em busca da Verdade,
 Pentras com valor nos seculos remotos,
 E quando julgas ver a eterna claridade
 Surge-te frente a frente um turbilhão d'ignotos!

Que vezes a inconsciencia ao Genio se avantajã!
 Que infrene marulhar na logica dos factos!
 E quando a Aspiração em nuvens de ouro viaja,
 Ha de chegar emfim aos desenganos latos.

Buscae por toda a esphera a perfeição preclara;
 O Sol vigora a planta, o Sol requeima o fructo;
 A chuva banha o solo, a chuva innunda a ceara,
 A Gloria cria a Fama, a Gloria tece o lucto!

A Ideia rasga a entranha á mãe commum, á Terra,
 E tira-lhe do ser, minerio, luz, sustento;
 Mas rola sobre o campo o carro eril da Guerra,
 E põe um muro espesso em face ao Pensamento.

Os cyclos do passado, erguendo o reposteiro,
 Mostram em toda a linha o Bem e a Crueldade;
 E o Homem preso á rocha, é destructor e obreiro
 Que agora incensa á treva, e logo á Liberdade!

Nos dramas do Universo ha sempre imitações
 O facto é perennal, a fôrma é transitoria;
 Cada época produz idoneas mutações
 E ha pontos de contacto a escurecer a Historia.

Se um dia a raça humana attinge os lisos portos
 De seus nobres ideaes, então. forte e sublime,
 Escalpellando á luz, heroes, fetiches mortos,
 Ver-lhe-ha nos corações crescer a flor do crime.

E então, em vez de honrar ministros, generaes,
 Em vez de pôr n'um templo os grandes assassinos,
 Dará seu preito eterno ás leis universaes,
 E á Sciencia e Liberdade os mais sonoros hymnost

IV

Vem rompendo a manhã, dizem as aves
 Seus canticos tranquilllos e suaves.
 As perolas da aurora, sobre as flôres,
 Parecem lamentar ignotas dôres;
 E a voz do pegureiro, nas collinas,
 De envolta com as phrâses purpurinas
 Com que o espaço saúda a Humanidade,
 Tem um cunho supremo de saudade,
 Tem um ecco de angustia tão sentida,
 Como a corda de uma harpa, que, partida
 Expande pelo ether seus lamentos.

Vem rompendo a manhã, nos movimentos
 Dos multiplos anceios luminosos
 Que agitam sem cessar a humana arteria,
 E transformam as lides da Materia,
 Parecem destacar-se uns sons dolosos,
 Que a Naturesa arranca das entranhas,
 E que vibram no valle e nas montanhas.

E comtudo nos floridos caminhos
 Balouçam brandamente os doces ninhos,
 E reflectem nas limpidas correntes
 As nuvens azuladas, transparentes,
 Como um espelho brilhante da Consciencia,
 E as varzeas em virente florescencia
 Espalliam pelo ambiente seus perfumes.

Mas escutam-se ao longe alguns queixumes,
 Mas um grande alvoroço se aproxima,
 E parece que a aurora desanima,
 Que os doces rouxinoes tremem de susto,
 E pende a Naturesa o roseo busto!

Quem é que vem então por essa estrada,
 Quando apenas desperta a madrugada?
 Que significa pois tanto tropel,
 Que quer dizer a angustia tão cruel
 Que pulsa ahí no seio universal?

É talvez um factor do negro mal,
 Algum gigante audaz, filho da noute,
 Algum Attila ou Nero, rijo açoute
 Das coleras divinas, e illusorias,
 Que vem correndo as turvas trajectorias
 Do vicio, do rancor, do odio insano,
 Até rasgar o peito ao ser humano!

.....
 É um cortejo que segue... quem será?!

Já passam muito perto...
 Que numerosos são! Que vejo!... Ah!
 Com passo frouxo e incerto
 Caminha uma mulher, em desalinho,
 Mais pallida que arminho.

De um lado traz o padre, e de outro o algoz
 De ventas dilatadas
 E a estúpida expressão de um ser feroz.
 As brancas mãos ligadas,
 Veem roxas das auras matutinas,
 E das correntes finas.

Cinge-lhe o corpo esvelto a alva infamante
 Dos tristes condemnados,
 E ás vezes solta um ai tão lancinante,
 Que tremem magoados
 Os proprios corações mais rancorosos,
 E os monstros mais odiosos.

Vem seguida dos filhos e do esposo,
 Santissima cohorte
 Que vae cabir tambem no seio iroso
 Da vingativa morte,
 Que o ministro do rei, fero e iracundo,
 Arroja sobre o mundo.

Chegam junto do poste; ahi pára tudo.
 O algoz, sem mais respeito
 Bate no hombro á martyr; fica mudo
 O feminino peito,
 Varado pela intima agonia
 Da infrene tyrannia.

«Levanta essa cabeça, infiel traidora!
 Ordena-lhe o carrasco;
 «Tu serás a primeira, que és senhora!
 E com medonho chasco
 Procura, um por um, os instrumentos
 Que servem aos tormentos.

«Vê riqueza de Tavora—era a triste!
 «Que esplendidas tenazes!
 «Sabes quanta virtude aqui persiste?
 «São para os teus rapazes.
 «Applico-lh'as na cara, mesmo em braza,
 «E faço—taboa raza!

«E as torquezes? São rijas de uma vez!
 «Agarram como o brêo!
 «Hão de arrancar os olhos ao marquez,
 «*Meu amo e senhor meu;*
 «E enquanto lhe correr o pranto amargo
 «Protesto que o não largo!

«Fidalga sem vergonha, olha os cutellos
 «Com que eu lhe parto as pernas.
 «Agarro-lhes depois pelos cabellos,
 «E, lanço-os nas cisternas.
 «Porém seu coração traidor, e infausto,
 «Dos corvos será pasto.

«Vá! Morre descansada, morre em paz,
 «Que eu mato os teus também!
 «Vão todos para o monstro Satanaz!
 «E tu, que és boa mãe,
 «Deves nutrir os jubilos eternos
 «Por vel-os nos infernos!

«Mas ouve, ouve mais; teu corpo amado,
 «Sou eu que o amortálho
 «Nos farrapos do opprobrio e do peccado,
 «E em cinzas o retalho.
 «É para mór desprezo demonstrar
 «Atiro-as logo ao mar.

«Recae-a em tua frente todo mal
 «Infamia e maldição!
 «Sepulte-se n'um torpe lodaçal
 «Teu limpido brazão,
 «E fique para sempre o nome teu
 «Mais vil que o de um judeu!»

A martyr, com a vista erguida ao espaço
 Soffria silenciosa.
 Rodeia-lhe o pescoço o frio laço
 E a victima formosa
 E ao ver fugir da vida os aúteos brilhos
 Só diz «Filhos, meus filhos!...»

Ó mães! Que dôr suprema isto traduz!
 Que turbida epopeia!
 Ó povo soffredor, fôco de luz
 De onde irradia a Ideia,
 Medita; o que ha de mais cruento e fêro
 No coração de um Nero?!

Como é que desce tanto a raça humana?
 Como é que um Povo culto
 Supporta resignado a mão tyranna
 Que lhe arremessa o insulto,
 E deixa ir esmagando sob as lousas
 As filhas, mães, e esposas?

.....

Horas depois os martyres morriam
 As mãos do indigno algoz;
 Boatos na cidade percorriam
 Porém a plebea voz
 Produz-se eternamente no vazio...
 Por isso... não se ouviu!

El-rei dava audiencia; ao seu ministro
 Fel-o marquez e conde;
 O premio era brilhante mas sinistro,
 E a Historia ainda esconde
 Os prantos que verteu, porque o terror
 Suffoca os ais á Dôr!

Comtudo alguma cousa se levanta
 A protestar com ancia;
 Alguma aspiração sublime e santa,
 Em firme reluctancia
 Descobre ás gerações os negros rastros
 Dos portentosos astros.

E chama-se Consciencia á eterna força,
 Que os seculos correndo,
 Sem que a linha traçada alguém contorça,
 Pharoes vae accendendo
 Nos angulos do turvo precipicio,
 Onde faz ninho o vicio.

Em nome d'essa força que defende
 O fraco, o pobre, a creança,
 Gigante luminoso que se estende
 Da morte á loura esp'rança,
 É que eu reprovo a impia atrocidade
 Da velha sociedade.

Sou democrata e mãe; procuro um norte
 De Liberdade e Gloria;
 Aceito essa revolta ardente e forte
 Que faz tremer a Historia,
 Porém condemno o immano desvario
 Que mata a sangue frio!

.....

Que a lei arvóre o facho augusto do Direito,
 E vá depois cravar nos intimos do peito
 As garras da Inclemencia,
 Que a Lei fulmine a infamia e seja mais infame
 Que avilte e prostitua, e contra a ignavia clame,
 Revolta a sã Consciencia!

Se o misero infeliz que pelas praças dorme
 Calçado pela dôr, medita o *crime enorme*
 De procurar viver;
 Se presa da afflicção divaga pelas ruas,
 Sem casa nem familia, ao frio, as costas nuas,
 E os prantos a correr;

Se a esposa que implorou á sociedade honesta
 Um meio de vencer a fome, e a sorte infesta,
 Se encontra repellida;
 E para alimentar um filho, irmão ou pae,
 Arranca o seu diadema, e sobre as lamas vae
 Manchar-se, prostituida,

Se o orphão que vegeta a par do vicio ignobil,
 Mais tarde é para o vicio o nauseabundo mobil,
 Se rouba e prostitue,
 Como ousa revoltar-se a sociedade vil,
 Se é ella quem provoca, e desbragada e hostil,
 Perverte e não instrue?

Que pensamento assiste aos monstruosos codigos?
 Se os papas, deuses, reis, no crime hão de ser prodigos,
 Como é que a lei castiga
 Um ser vidente e bom, que aclara a escuridão
 Com o facho viril da leal Revolução?
 Como é que a Lei intriga?

Como é que ella protege o roubador agiota,
 E arrasta na enxovia o desgraçado illota
 Que a fome fez baquear
 Nos pelagos do mal? Ó sociedade absurda!
 Á voz da Natureza, a lei ha de ser surda
 E o odio ha de julgar!

.....

Matar uma mulher que é mãe, que é democrata,
 Assassinar sem dó a esposa aristocrata,
 Junto dos filhos sens,
 É por egual cruel, é por egual maldito!
 E havia de fazer chorar todo o infinito,
 Se acaso houvera um Deus!

Por mim, que offerto o culto ao que é sereno e puro,
 Que adoro o Bem sublime, e odeio quanto é duro,
 Que não conheço a fé,
 Protesto contra a morte infausta de Antonietta,
 De Sophia, Leonor, Rolland, gentil athleta,
 De Tavora e Corday!

A mão que referenda o crime da injustiça,
 Quando podia erguer da deleteria liça
 Um sol ou um jasmim,
 Assigna, sem pensar, o perennal deslustre
 De um seculo, de um nome, ou de um paiz illustre,
 Da Humanidade emfim!

V

Como ha de pois a Historia olhar esse Gigante,
 Que tinha em si a morte, o Bem, a luz e o crime?
 Que ora se eleva a um mundo altivo e coruscante
 E logo gera um mal que a Gloria não redime?
 Elle era um diplomata, um patriota, um merito,
 Podia ser tambem um nobre benemerito
 Levando o Povo Luso ás concepções do Justo,
 Se em vez de ser feroz, de ter um genio adusto
 Voltasse ao sentimento um coração suave.

Julgou que ser tyranno era o mister mais grave
 Do ministro de um rei!
 Fez um docel de sangue ao tribunal da Lei,
 Poz um manto de lucto aos hombros da Justiça,
 Pisou raivoso o clero, e foi ouvir-lhe a missa,
 E como affirmação da ideia monarchista
 Dos nobres ao plebeu traçou a rubra lista.

Como ha de pois a Historia olhar o athleta ousado?

Pesando com criterio os factos do passado,
 Seguindo passo a passo o luminoso accesso
 Da Sciencia e do Progresso.

.....

Ha muito que na Europa o sopro percorria
 Da clara discussão da sã philosophia.
 Desde o seculo doze, a duvida christã,
 Buscava escarpellar o craneo de Satan.
 Pierre d'Abelard examinara a crença,
 E via já na fè uma utopia immensa.
 Breve, Thomaz d'Aquino, imigo da Rasão,
 Antepunha ao Progresso a fera inquisição.
 Mas Bacon, um titan, repelle a fê-cabotica,
 E dando luz á Optica
 Recebe uma intuição da Sciencia positiva.
 Então larga a rotina, e só na lide activa

Depoz a base firme á ideia demonstravel.
 Foi elle um ser vidente, e concebeu provavel,
 Toda a gloria vindoura; em seu nobre labor
 Meditava o progresso enorme do vapor;
 Mas como em sua frente a infamia não assoma,
 Foi um martyr da Sciencia, e victima de Roma,
 A eterna desbragada, a eterna prostituta
 Que as gerações enlucta.

Mas o germen vingou; surgiu em breve a imprensa,
 Excelso meteóro, a realidade immensa
 Que faz de Guttemberg um centro luminoso!
 Ia baquear em terra um deus medonho e iroso;
 Ia a Ideia pulsar na mente e força do Homem!
 E como as trevas somem
 Os raios de um bom sol, assim o novo invento
 Abria par em par a estrada ao Pensamento!

O Genio eternisava em breve a Pomponace,
 E o forte Rabelais batia face a face
 A escolastica, e a lei theocratica e politica,
 Bem como o abuso annexo á concepção juridica.

A Patria lusitana, a joia do Occidente
 A Europa mostra então o poeta Gil Vicente,
 Que açouta o clero hostile com látegos de risos,
 E nem sequer poupando os *santos paraísos*.
 Na praça era o judeu sujeito a atrocidades;
 Na côrte, D. Manuel escarnecia os frades.

Havia pois de um lado a força da rotina
 E do outro a Ideia incuba a preparar a ruina.

Mas n'isto um sobresalto os cerebros sacode,
 Roma chega raivosa, e vê que nada pôde.
 Copernico affirmava a terrea rotação,
 Perdia o seu prestigio a *santa religião*!
 Forçoso era impedir a affronta d'essa Idéa!
 O sabio ponderou, que outr'ora na Chaldéa
 Se havia já mostrado o movimento á Terra;
 Porém a Curia segue em furibunda guerra,
 E condemnou-lhe a obra.

Mas eis um luctador que a força audaz redobra,
 E com coragem fria
 Procura no infinito as leis da astronomia.
 Inventa o telescópio e applica-o logo ao ceu.

E o mundo olha assombrado o insigne Galileu,
 Que segue passo a passo
 O trajecto eternal dos mundos pelo espaço.

Se ha nome que de Gloria esplenda no universo,
 É o d'esse velho nobre
 Que o clero punge e arrasta, em dôr, e pranto immerso,
 Mas que ao Genio descobre
 A esteira do futuro, a via dos heroes
 Que põem no Progresso os rubidos pharoes!

A quêda do Oriente, estremecer convulso
 Havia dado á Ideia um vigoroso impulso,
 Civilizando a mente e pondo em toda a parte
 O gosto da Poesia, e pelos brilhos da arte.
 Então o aureo paiz dos inclitos varões
 Produz um sol gigante o esplendido CAMÕES,
 A synthese do Genio, um estro-democrata
 Assombro dos Ideaes, talento que arrebatá!

Que bella actividade! Um cyclo era uma escola
 De sublimado intento!...
 Porém vê-se descer o manto de Loyola
 Por cima d'esse advento,
 E logo a aurora cae nas garras do terror,
 E logo a humana gloria exprime no estertor
 Que a prostra um assassino!

Comtudo avança o Bem! Luthero, Huss e Calvino
 Feriram mortalmente
 O abuso, a tyrannia e o repugnante agente
 Das penas infernaes,
 Geradas no rancor das hyenas clericas.

A lucta assim travada é turbulenta e audaz!
 De um lado impera altivo o monstro Satanaz.

E do outro a aspiração das comprovadas cousas.
 A aurora veste lucto, a terra veste lousas,
 E o sangue corre a flux no precipicio escuro...

Mas elle fecundou os germens do Futuro !

Kepler, Newton, Brahè, tinham desfeito o mytho
 Da criação divina; os livros do infinito
 Já tinham revelado, em phrases de planetas
 Da grande lei siderea as deslumbrantes metas.

Descartes ampliára as lucidas conquistas
 E profundára o abysmo ás vãs ficções deistas;
 E como o jesuitismo erguesse um throno ao mal,
 Surgiu-lhe o valoroso e hostile Blaise Pascal,
 Com satyra cortante e lucido criterio,
 Traçando-lhe no Tempo o eterno cemiterio.

Desfibrava-se a pouco a lenda theologica,
 E punha-se a attenção na historia geologica,
 Gognet, Jussieu, Buffon, tinham rasgado a entranha
 No valle, e na montanha,
 Á esphera onde se agita o Genio e o desatino.
 Seguiram-lhe o trajecto um Pallas e Arduino,
 E todos, sem sentir,
 Fizeram o passado esmorecer, ruir.

A antiga historia china oppunha-se á utopia
 Da lenda de Moysés; a sciencia cada dia
 Os cerebros levava á nova experiencia,
 Que em breve provaria á forte intelligencia
 A historia da Materia
 No mar, na vida, e morte, e sons, e luz etherea.

Brotava na Consciencia a aspiração politica;
 Deixara a Inglaterra a fórmula mephitica,
 E em todos os sentidos
 Se presentiam já os turbidos ruidos.
 Voltaire e Diderot entravam no futuro
 Desmoronando o muro

Que ainda protegia a treva e o fanatismo.
 Ficou pois fulminada a crença e o mysticismo!
 Nenhum abrigo havia aos golpes do alvião
 Vibrados pela firme e rija Evolução.
 Os reis, mesmo a sorrir abriam o jazigo,
 Onde ia sepultar-se o clero, o seu amigo,
 Sem verem que aluida a base do edificio
 Que tem por cima o odio, e em baixo o precipicio,
 Desaba fatalmente em multiplas hastilhas.

Tinham sulcado o oceano as portuguezas quilhas,
 E o genio dos heroes deixara esteiras certas
 À bella exploração das ricas descobertas.
 No clima luxuriante, e terras do Equador
 Eram a flóra e fauna os ninhos do esplendor,
 E o Homem que estudava, o Homem já sabia
 Que Deus era ignorante, e muito, em Geographia.

.....
 N'este mar revoltoso é que se eleva o homem
 Que uns coroam de luz, outros na campa somem!

VI

O marquez de Pombal, producto do seu meio,
 Trazia na Consciencia o salutar anseio
 Das santas cousas bellas.
 Mas um facto mental, o facto do attavismo,
 Acorrentava-o sempre ao velho despotismo
 Dos thronos e das cellas.

A corrente soprada além, da heroica França,
 Fazia-lhe pulsar a magestosa esp'rança
 Das creações mais caras;
 Porém n'esse combate inimigo do Direito,
 Cedia tristemente á voz do Preconceito,
 E ás perversões ignaras.

Demonstra-o fartamente o proceder confuso
 Com que arrojava ao Povo um turbilhão diffuso

De mortes e afflicção,
 Curando juntamente, e com visivel gloria,
 De lhe aplinar a rude e fria trajectoria,
 Por meio da instrucção.

Affirma-o sem rodeio o manifesto empenho
 Com que guerreou Bocage, o sublimado engenho
 Do seculo passado,
 Por seus bellos ideaes, modernos e atheistas,
 Expostos com vigor, e com profundas vistas
 De um espirito avançado.

Comprova-o a friesa usada com Fylinto
 Que longe do seu ninho, o doce riso extincto,
 Chorava, em lyra de ouro,
 As ruinas da ventura, o azul do patrio lar,
 As aguas do Mondego, e as vibrações do luar
 Entre os jasmims e o louro.

A ethopéa social dos seculos transactos,
 Reflecte-se e vigora em seus funestos actos.
 Fluctua sem cessar seu espirito viril,
 Que ora se eleva ao bello, ora se entrega ao vil.
 Mas n'elle transparece uma tendencia rude
 Que punge a leal Virtude!

A statica mental aperta-o pelos pulsos;
 E a dynamica então imprime-lhe os impulsos
 Da progressiva lida;
 E assim n'este vaivem lhe corre toda a vida.

Porém quando abordou á estancia derradeira
 Deixava atraz de si a sanguinosa esteira,
 Onde o espectro do pobre, e justo, e velho, e creança
 Reclamam com vigor criterio e segurança
 Ao tribunal da Historia, onde serão julgados
 Os sabios, os heroes, os reis e os sclerados.

.....
 Tenho attacado o clero, aspiro á excelsa luz,
 Detesto o ignobil lenho, e sinto por Jesus
 O affecto que daria a irmão, se irmão tivera,
 Venero o positivo, e nunca a van chimera.

Meus filhos, castos soes, o meu thesouro immenso,
 Por quem me sinto grande, a quem adoro e incenso,
 As heras infantis que enleio na Consciencia,
 A força que me impelle á lucta da inclemencia
 Que aqui, n'este paiz de cousas pequeninas
 Odeia a quem cultiva as rosas christalinas
 No coração do Bem, Progresso e Liberdade,
 Seguem a religião do Justo e da Verdade,
 E a sua crença ideal,
 Resume-se no amor do seu sentir filial.

Mas tendo a mente forte e despresando os idolos,
 E combatendo firme os monumentos frivolos,
 Politico-sociaes,
 Revoltam-me a Consciencia os actos tão brutaes
 Da vida do marquez,
 E vejo com tristesa o nome portuguez
 Coberto pelo horror,
 Quando podia ser um foco de esplendor.

A queda do jesuita é justa, é rasoavel;
 Expulsa essa barreira imiga insuperavel,
 Podia a sociedade erguer-se da ignorancia.
 Dormir em paz a Mãe, sorrir a loura infancia
 Ao Pensamento novo, á santa aspiração!

É digno de louvor quebrar á inquisição
 Os braços da vingança a ira da torpesa.

Mas cobrem-se de lucto as leis da Naturesa,
 Mas ouve-se um protesto, a palpitar fremente,
 Ao ver, cheio de affronta, um martyr inpotente,
 Rojado pelo chão, manchado pela lama!
 E pelas nações clama
 A Ideia humanitaria, amena, e justiceira,
 Vendo arrojado um ente á estupida fogueira!

E embora fosse um padre, embora um jesuita,
 Embora fosse irmão da raça atroz, precita,
 A minha voz sentida
 Protesta contra a morte imposta a Malagrida!

Protesto! E enquanto houver
 Um coração de luz em peito de mulher,
 Meu brado ha de correr nos angulos do mundo,
 E em todo o mar fecundo!

VII

Que se ha de então fazer aos grandes luctadores,
 Que lançam sobre a Historia as olorosas flores,
 E regam com seu sangue os fructos do porvir?
 Que fontes de esplendor iremos nós abrir
 Ao vidente Danton, a Lincoln, a Blanqui,
 O martyr que sorri
 Por entre a cerração da noute do tormento?
 Que havemos de offertar aos soes do Pensamento?

Nunca apoiei Thiers, nem o chacal da Russia!
 Detesto a immanidade, e a vingativa astucia...
 O sangue da Communa, as lagrimas de Jessa,
 Formaram no silencio a fulgida cabeça
 Da indomavel revolta!

O monstro que commanda, em meio de uma escolta
 Aş manobras crueis que geram a orphandade,
 É mais feroz que um tigre, e avilta a Humanidade,
 E deve ter na mente
 A infamia de Javheh, e os odios da serpente.

Como hei de eu incensar a monarchista treva?
 Como hei de então louvar um ser de frente seva?
 Pombal beijou a patria, e espedaçou-lhe o seio;
 Fez guerra ao Preconceito, e prostergeou o aneio
 Dos crentes do porvir!
 Levou seu nome á Gloria, e fei-o após cahir.

No sangue inda escorrega
 Quem segue a lusa historia. A sã Justiça nega
 Um preto, a quem desdenha a humanitaria via,
 E lança a Liberdade ás palhas da enxovia.

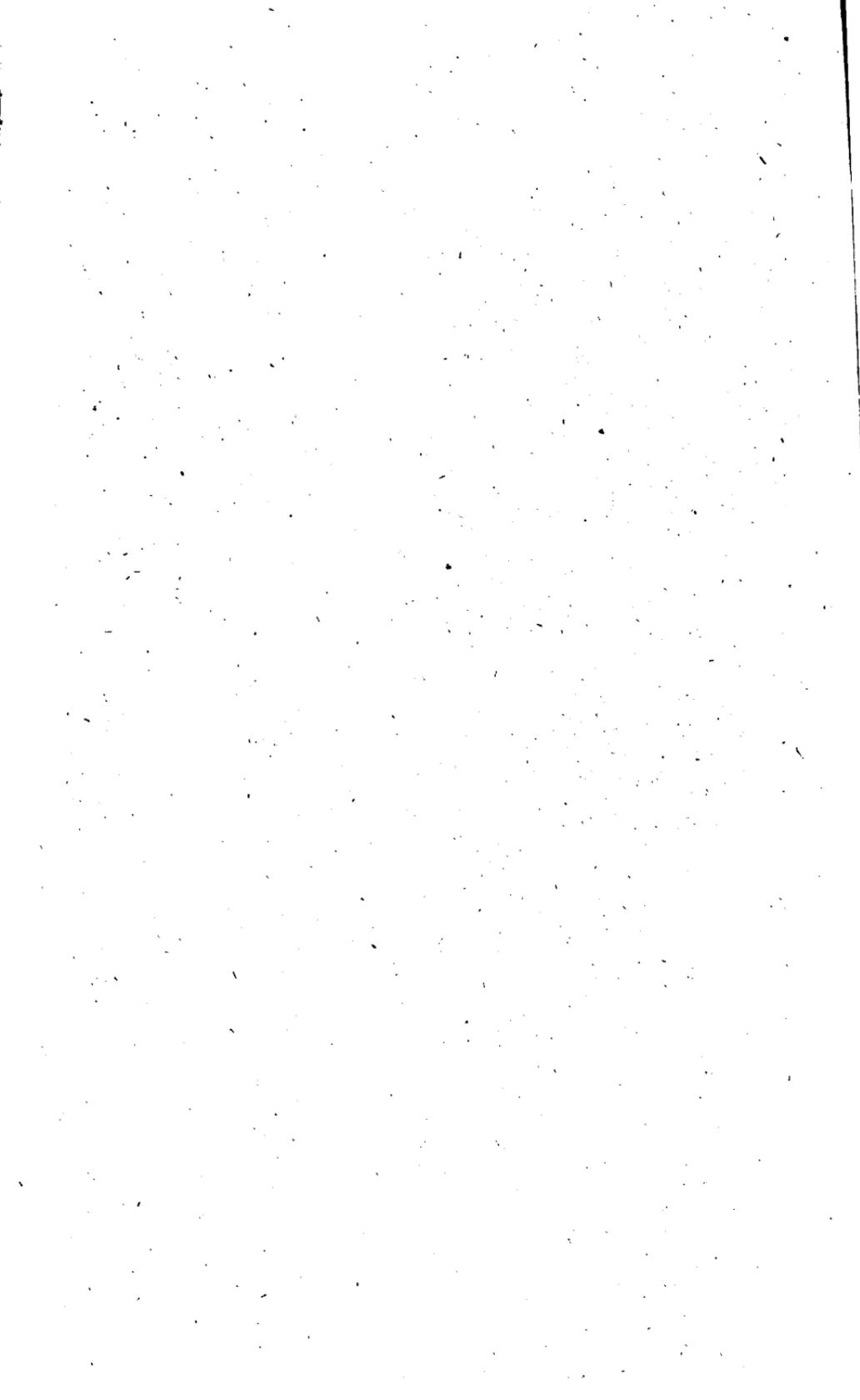
Fique acima de tudo o limpido criterio;
Formar uma cidade onde era um cemiterio
Seria expôr a vida aos morbidos prejuizos.
Vasar em molde infiel historicos juizos
Será viciar tambem o pensamento ao Povo.

Justiça! Ha de o vindouro escalpellar de novo
A nossa actividade; e então... tremendo encargo!
Ou ha de ter no peito um sentimento amargo
Ou ha de achar mesquinha a obra dos avós!

Salvemos o Futuro, e que elle creia em nós!

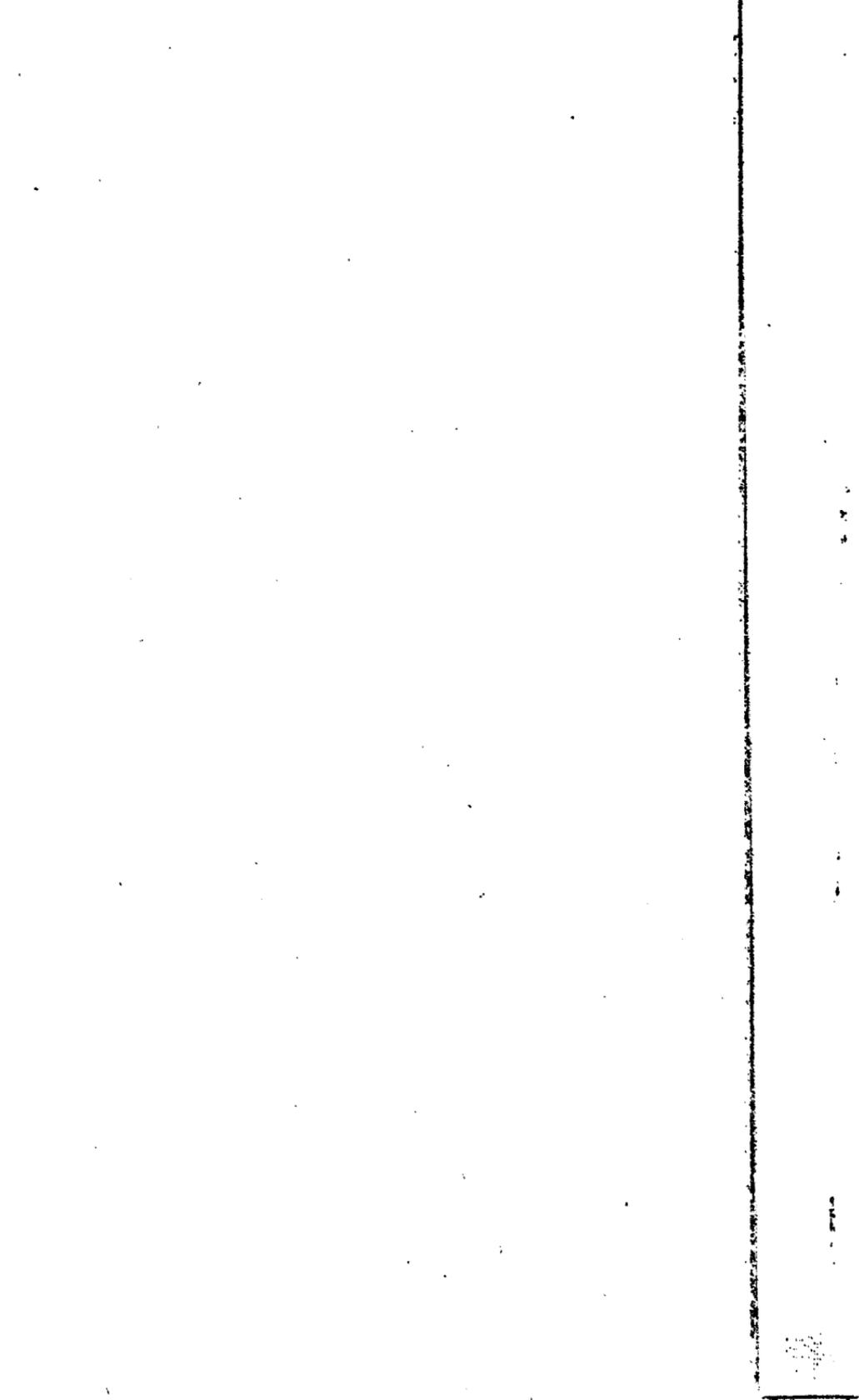
FIM

22









Gaylord

PAMPHLET BINDER

Syracuse, N. Y.

Stockton, Calif.

